

# Chegou a Hora

*SÉRIE: QUEM É JESUS?*

Nós estivemos estudando, na semana passada, o texto de João 12 que introduz ou que apresenta a entrada de Jesus em Jerusalém. Essa entrada normalmente tem sido apresentada como a entrada triunfal de Jesus. O que vimos, na semana passada, é que essa entrada não foi tão triunfal quanto nós podemos julgar hoje.

Era um período de cumprimento profético, um período de Jesus ser glorificado, era um período também de tristeza.

Sabemos que esses dias eram dias que precediam a grande festa da Páscoa. Segundo o historiador Flávio Josefus, ele diz que a cidade chegava a receber nessas ocasiões aproximadamente 2.000.000 (dois milhões) de pessoas.

Os judeus iam para essa festa para comemorar a Páscoa. Data que comemoravam a formação da nação de Israel desde a libertação do Egito. Mas não eram somente eles que iam à festa. Aqui em João cap. 12:20 lemos: *“Entre os que haviam ido à festa para adorar, estavam alguns gregos”*. Quem eram esses gregos? Provavelmente, aqui se refira a gentios de língua grega. Eles, talvez, viessem da Decápolis, possivelmente eram gregos que estavam confiando ou crendo na Palavra de Deus, que buscavam ao deus de Israel, que criam na Sua palavra. Possivelmente, eles ainda não fossem prosélitos, ou seja, eles estavam no grupo dos interessados e ainda que tivessem se convertido não haviam se filiado a Israel. Isso equívale, talvez, a vários de vocês que já ouviram do evangelho, creram no evangelho do senhor Jesus Cristo, mas ainda não se batizaram e não se tornaram membro da comunidade. Eles podiam ir à festa, apenas não podiam fazer certas coisas, como participar da refeição pascal, não podiam passar de certos recintos. No ano 37 d.C. o governador Vitélio, da Assíria, esteve em Jerusalém, mas ele teve que se contentar de não passar em certos ambientes que estavam restrito a ele, somente os judeus poderiam participar ou estar naqueles recintos. Jesus, nessa ocasião, um pouco antes desse incidente purifica o templo pela segunda vez.

Em Marcos 11.15-17 lemos assim: *“Chegando a Jerusalém, Jesus entrou no templo e ali começou a expulsar os que estavam comprando e vendendo. Derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas e não permitia que ninguém carregasse mercadorias pelo templo. E os ensinava, dizendo: “Não está escrito: ‘A minha casa será chamada casa de oração para todos os povos’? Mas vocês fizeram dela um covil de ladrões”*. O povo de Israel colocava suas barracas e fazia o seu comércio justamente no lugar ou no ambiente em que pessoas, que eram de outras nações e que não tinham acesso ao templo de Israel, podiam se achegar. Eles ocupavam de tal modo aquele lugar que as pessoas não podiam se aproximar para orar e adorar ao Senhor.

O Senhor está indignado com isso e está fazendo a purificação daquele ambiente, justamente para que esses possam se chegar até ele.

Nós não sabemos, exatamente, o que motivava esses gregos, mas sabemos que eles vieram à festa e estavam animados para ver Jesus. Por que queriam ver a Jesus? Não sei. Na verdade, a cidade estava bastante agitada.

No cap. 11.56 nós lemos: *Continuavam procurando Jesus e, no templo, perguntavam uns aos outros: “O que vocês acham? Será que ele virá à festa?”*. Então, na verdade, eles estavam discutindo ali se Jesus iria à festa ou não. Antes da festa acontecer, havia um burburinho em torno do nome de Jesus, havia uma certa excitação se Jesus viria ou não para Jerusalém. Além dessa excitação geral, podia-se ver o movimento que o povo da Galiléia fazia ali, agitando a cidade de Jerusalém para receber a Jesus. Tudo aquilo que eles puderam ouvir a cerca de Jesus era, no mínimo, curioso. Eles podiam ouvir falar numa mulher que derramara um vidro de perfume no valor do trabalho de um ano. Por que isso? Eles viam a multidão seguindo a Jesus e fazendo festa com Ele, ele ouviram do caráter de Jesus que dera atenção a um homem como Zaqueu, dera atenção a uma mulher samaritana, dera atenção a mendigos cegos, a leprosos. Eles também podiam estar ouvindo a cerca da firmeza de Jesus com os fariseus, com os saduceus, com os comerciantes do templo; eles também ouviram que a multidão queria fazer de Jesus o Rei; eles podiam ver e provar dos poderes manifestos das curas de Jesus, que havia curado um paralítico, um cego, havia ressuscitado pessoas.

Eu não sei, exatamente, quais eram as motivações desses gregos quando se aproximaram de Jesus, mas eles tinham motivos de sobra. Tudo o que eles ouviam a cerca de Suas obras, das Suas palavras; todos os comentários que faziam naquela região; todo cuidado que Jesus tinha com a casa, com o templo, procurando preservá-la porque era uma casa de oração e de adoração para todos os povos. Isso animava essas pessoas e fazia, então, com que esses gregos procurassem a Filipe e dissessem: *“Filipe, nós queremos ver a Jesus”*. Não era estranho a eles que quisessem ver a Jesus. Podia ser, de certa forma, mas devido a respeitabilidade que Jesus estava desfrutando naqueles momentos era absolutamente razoável.

Qual é a reação de Jesus quando Ele ouve essas coisas, essa abordagem?

Note, aqui em João 12.23 nós escutamos Jesus falando assim: *“Chegou a hora de ser glorificado o Filho do homem”*. No 12.27 é dito: *“...Com esse propósito vim para esta hora”*. No 12.31 Ele diz: *“Chegou o momento...”*.

Durante toda a Sua vida, nós pudemos estar estudando, ao longo do livro de João, e percebeu que inúmeras vezes Jesus

disse ou foi dito a cerca de Jesus que ainda não era chegada a Sua hora. Mas agora, o que é dito pelo próprio Senhor Jesus é que a Sua hora é agora, chegou o momento crucial de Sua vida. Apesar de tantos feitos maravilhosos, apesar de tantas manifestações poderosas, através de palavras que nunca ninguém tinha ouvido, isso não tinha sido o clímax da vida de Jesus. Tudo o que tinha ocorrido até esse momento era apenas um preparativo para aquilo que estava para acontecer. Note o que Ele diz no v. 27: “...*Eu vim para este propósito e para esta hora*”. Tudo o que acontecera antes, por mais espetacular que fosse, por mais bonito que fosse, por mais poderoso que fosse, por mais glorioso que fosse, era somente uma preparação para aquilo que iria acontecer neste momento.

O que era esse tempo para Jesus? O que representavam esses momentos que estavam por vir, depois de tantos momentos de glória, depois de tantas manifestações de poder? O que mais eles poderiam esperar? O que mais nós poderíamos esperar?

O v. 23 nos diz: “*Jesus respondeu: Chegou a hora de ser glorificado o Filho do homem*”.

Em primeiro lugar, Jesus é apresentado aqui como o momento de glorificação dEle. Glorificar é honrar, é exaltar. Durante toda a vida de Jesus, Sua vida foi marcada justamente por glória, as Suas obras mostravam o peso que essa pessoa tinha, Sua palavras eram marcantes. Não somente Suas palavras, mas as Suas obras eram marcantes.

No v. 28 podemos ler: “*Pai, glorifica o teu nome!*” *Então veio uma voz do céu: “Eu já o glorifiquei novamente*”. Note, que Jesus tem uma expectativa de que o Seu nome, de que o nome de Deus seja exaltada, seja glorificado. Esse momento era um momento de glorificação. Jesus, ao longo de Sua vida, tinha manifestado a glória do Pai, a glória do Amor do Pai, a glória dos Seus propósitos, das Suas manifestações, da Sua pessoa. Mas existia um momento agora, um momento especial, um momento de glorificação dEle próprio, um momento de glorificação do Pai.

Que tempo era esse?

Conforme lemos nos versos 24, 32 e 33, esse tempo de glória também era um tempo de morte.

Note o v. 24: “*Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto*”. Nos versos 32 e 33 lemos: “*Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim. Ele disse isso para indicar o tipo de morte que haveria de sofrer*”.

O que Jesus está querendo anunciar, para aquelas pessoas, com a figura do trigo e do pão é que Ele iria morrer. Ele se apresenta, aqui nesse momento, como um grão de trigo. Para aqueles gregos isso fazia algum sentido, porque na mitologia grega o trigo era um sinal, representava a vida.

Quando Jesus está falando com aqueles gregos e aos outros ouvintes que O estão ouvindo, Ele está dizendo: “Se Eu pegar um grão de trigo e o guardar, não dará em nada; mas se Eu plantar esse grão de trigo, ele vai morrer, mas depois que ele morrer vai produzir muito fruto.

Então nos versos 32 e 33, Ele explica o que está acontecendo: “O Filho do homem vai ser levantado”, Ele está se referindo,

objetivamente, ao tipo de morte que Jesus vai ter, Ele vai ser crucificado. Ele está dizendo, bem antes da Sua morte, que Ele vai morrer e como vai morrer. E, em se tratando da Sua morte, não somente era um momento de glorificação, e logo entenderemos porque era um momento de glorificação, mas era também um momento de tristeza.

O v. 27 registra as palavras de Jesus: “*Agora meu coração está perturbado, e o que direi? Pai, salva-me desta hora? Não; eu vim exatamente para isto, para esta hora*”. Notem que, o coração de Jesus estava perturbado, Sua alma estava angustiada. Nós encontramos aqui, um Senhor Jesus triste, pesaroso, perturbado, Ele não está parando para orar por libertação, Ele tem consciência do que tem pela Sua frente e, de certa forma, Ele está amedrontado. Não tanto pelo aspecto físico da Sua morte, mas por tudo que aquilo envolve.

O escritor de Hebreus no cap. 5.7 nos diz que: “: *Jesus, nos dias da Sua carne, tento oferecido com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas, a quem O podia livrar da morte*”. Jesus, naquele momento de consciência do que vai enfrentar, teme. Aqui não está registrado o problema físico de Jesus. Ao vermos a reação de Jesus diante de todo o sofrimento físico, seja antecipadamente o sofrimento por causa das torturas, nós percebemos que Ele não reage, Ele não chora, Ele não grita, Ele não protesta, mas Ele se sujeita como uma ovelha que vai para o matadouro. No entanto, Jesus está temeroso do fato de que aquela alma pura, em plena comunhão com Deus, iria provar de receber os pecados e não apenas um, mas os pecados de toda a humanidade. Como consequência disso, receberia na Sua carne, todo a condenação do pecado. Isso significava que Ele seria separado de Deus, como qualquer pecador está separado de Deus, Sua comunhão seria cortada. Esse seria o grande teor do Seu sofrimento. Ele sabia que seria um momento de dor espiritual, de vergonha espiritual, de desqualificação pelos pecados, de quebra de santidade; e, nesse momento, Ele está pedindo com lágrimas, com súplicas, Ele está pedindo ao Pai que, se possível, “passe de mim esse cálice”. No entanto, Jesus opta por ser obediente ao Seu Pai, para cumprir o propósito que Deus tem.

Esse era um momento de glória, era um momento de morte, era um momento de tristeza.

O que significava esse momento tão glorioso de Jesus? Momento esse que, Ele mesmo diz: “*Eu vim para esse momento*”. O que representa isso para o mundo?

Em primeiro lugar, nós podemos notar pelo v. 34 quando lemos assim: “*A multidão falou: “Ouvimos na Lei que o Cristo permanecerá para sempre; como podes dizer: ‘O Filho do homem precisa ser levantado’? Quem é este ‘Filho do homem’?”*”. A glorificação de Cristo, que envolvia Sua morte, era alguma coisa paradoxal, como talvez isso seja para nós, hoje em dia. Jesus apresentava, depois de tantos milagres, tantas obras fantásticas que Ele fez em toda a Sua vida, tantas expressões de amor, tantos ensinamentos profundos e preciosos, Ele fala que existe um momento de glória que está por vir. É agora a hora.

O que se podia esperar de um momento de glória?

Aquele povo, debaixo do domínio romano, esperava sim a promessa de Jesus, a promessa de Ele ser o Messias, aquele que ia libertar a nação, aquele que viria reinar. Eles esperavam esse Rei, eles esperavam aquele que iria dominar e libertar aquele povo. Eles esperavam que Ele fosse aquele que viria como um descendente de Davi, conforme registrado em 2 Samuel 7.13, que diz que viria um descendente de Davi, que estabeleceria o Seu trono para sempre. Eles esperavam que Jesus cumprisse a promessa do Salmo 89.37 que diz que Ele será estabelecido para sempre como a lua e fiel como a testemunha no espaço.

Como eles podiam conciliar esta promessa de morte com a promessa de um Rei vitorioso? Eles tinham dificuldades de entender, ficavam perplexos quando ouviam dessas duas possibilidades de ser morto e ser Rei, ser o libertador e ser o torturado.

O apóstolo Pedro, em sua I carta cap. 1.10 e 11, explica um pouco dessa perplexidade dos profetas do Antigo Testamento, quando diz: *“Foi a respeito desta salvação que os profetas que falaram da graça destinada a vocês investigaram e examinaram, procurando saber o tempo e as circunstâncias para os quais apontava o Espírito de Cristo que neles estava, quando lhes predisse os sofrimento de Cristo e as glória que se seguiriam àqueles sofrimentos”*. Notem, os profetas estavam tentando entender essas coisas, eles não conseguiam entender.

Por outro lado, apesar de ser um tempo de perplexidade para aquele mundo, também era um tempo de julgamento.

No v. 31 nos diz assim: *“Chegou a hora de será julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo”*.

O que vem a ser isso? Ele não está se referindo aqui e naquele momento à que estavam diante do julgamento final. O julgamento final ainda está por vir. Ele não está falando de um julgamento em que vai retribuir a cada um conforme aquilo que fez. O que, então, Ele está falando aqui? Ele está falando sim, de um julgamento que estava por acontecer naquela cruz, o julgamento do pecado. Jesus quando fosse colocado naquele madeiro, como de fato O foi, estaria recebendo o pecado de todas as pessoas e Deus, conforme o profeta de Isaías diz em seu cap. 53: *“Se agradou em moe-lo, fazendo-O enfermar”*.

Deus estava envolvido no processo daquela morte, porque era um tempo de julgamento, era um tempo de justiça. Ou seja, a maneira de Deus trata a raça humana não é, simplesmente, um amor barato; a maneira de Deus receber a raça humana diante de Si não é através de “quebrar um galho”, como diz o brasileiro. Nós precisamos tirar da nossa visão essa idéia de que Deus é um Deus que vai “dar um jeitinho”, pois esse é um Deus justo.

Aquele tempo era um tempo de julgamento, mas um tempo de julgamento do mundo substituído.

Deus estava enviando Seu Filho, para no lugar dos pecadores deste mundo dentre os quais estamos nós, morrer para que nós pudéssemos participar plenamente da vida com Deus. Um justo morrendo pelos injustos, um trigo sendo morto para que reproduzisse muitos filhos. Dessa maneira, conforme lemos

nos versos 31 e 32, esse era um tempo de libertação. A Cruz era um tempo de libertação. Por Que? Porque, uma vez que Cristo iria morrer por causa dos nossos pecados, por causa daquela sociedade do mundo que habitava em torno de Jesus ou nos dias de Jesus, esses pecados uma vez pagos e a justiça sendo feita, o que restava do acusador? Paulo quando escreve aos Romanos 8:33 diz: *“Quem fará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica”*. A Cruz que, aparentemente, era uma derrota de Jesus, era na verdade uma derrota do príncipe deste mundo. A Cruz fazia com que todos os pecados da humanidade estivessem sendo pagos e o acusador não teria mais o que acusar, ele estaria esvaziado no seu argumento porque Deus fez justiça na pessoa de Cristo.

Por isso, quando em João 8.34 vemos que: *“Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado”*, sabemos que, de fato, quem vive embaixo do pecado é escravo dele. Mas, por outro lado, encontramos uma promessa ali, que Jesus está para cumprir agora. Nem João 8:36 diz: *“Portanto, se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres”*, essa é uma promessa clara do nosso Deus. Uma vez que eu creio nesse Jesus que morreu por mim, que pagou os meus pecados, creio que a justiça de Deus foi plenamente satisfeita, eu sou liberto.

Dessa maneira, esse tempo de libertação também era para o mundo e, como é para nós, um tempo de opção.

Em João 12.35 diz: *“Por mais um pouco de tempo a luz estará entre vocês. Andem enquanto vocês têm a luz, para que as trevas não os surpreendam, pois aquele que anda nas trevas não sabe para onde está indo”*. Você tem escolha. Diante da luz manifesta do Senhor você pode escolher por onde deve andar, como deve andar. O homem tem escolha, homem escravo do pecado não tem nenhuma escolha, ele nem está sabendo onde ele está tropeçando, conforme diz o escritos de Provérbios. Mas uma vez que a pessoa contempla o que Jesus fez por ela, uma vez que o Espírito de Deus ilumina sua mente para compreender a obra de Cristo, você pode ser liberto. É um tempo de opção. Sem Jesus não há opção, as pessoas estão condenadas ao inferno. É Ele quem viabiliza, é Ele quem nos habilita para chegarmos até Deus através da Sua morte.

Esse tempo era um tempo de glória, era um tempo de morte, era um tempo de tristeza para Jesus. Era um tempo de julgamento dos pecados no mundo, era um tempo de perplexidade, porque as pessoas não conseguiam associar a idéia de um Jesus que morria sendo o Rei glorioso. Eles não podiam perceber ainda que, num determinado momento, Deus ressuscitaria Seu Filho que um dia voltará e estabelecerá o seu Reino. Esse era um tempo de libertação, era um tempo em que oferecia a opção para as pessoas do mundo para crearem em Jesus e terem acesso a Deus.

Concluindo: O que esse tempo representa para nós?

Em João 12:25 nós lemos: *Aquele que ama a sua vida, a perderá; ao passo que aquele que odeia a sua vida neste mundo, a conservará para a vida eterna*. Note, que esse é um tempo de priorização.

Os gregos queriam ver a Jesus, não sabemos qual era sua motivação, mas Jesus diz para eles que haverá um tempo de

juízo e nós estamos diante dele, um momento em que vocês podem ser libertos do seu pecado um momento de vocês estarem libertos de viverem em si mesmos e dessa maneira vocês perderem as suas vidas. Se vocês amam sua vida, vocês vão perdê-la.

Mas há uma palavra significativa aqui, uma palavra de exortação que é: Se você, ao invés de amar a sua própria vida, amar a Jesus, você vai achar a sua vida.

“*Quem odeia a sua vida*”, aqui a idéia não é odiar a si próprio ao ponto de se fazer sofrer, a idéia é não dar prioridade para os seus direitos pessoais, para seus interesses pessoais, para os seus desejos. Na medida em que esta vida está focada em você mesmo, na medida em que você se torna o centro do seu mundo, na medida em que eu priorizo o que eu quero, eu estou perdendo a minha vida. Ele está dizendo o seguinte: “Na medida em que minha vida se torna uma vida voltada para o trono do Senhor Jesus Cristo; na medida em que o que vale para mim são as Suas palavras, o que vale para mim é a Sua vontade, o que vale para mim não é o que esse mundo me oferece, mas o que Ele me oferece; na medida em que o que me vale não é tanto os prazeres e confortos que esse mundo tem e concede, mas sim o conforto e o plano de Deus para mim; na medida que essas coisas me valem, Ele está dizendo que você vai achar a sua vida”. Você até pode perder nesse mundo, mas em tempo oportuno você vai desfrutar do que Jesus tem para lhe dar, de uma vida abundante.

Ele está dizendo que esse é um tempo de priorização: “Vocês querem me ver? Eu tenho mais do que isso para vocês. Eu não quero, simplesmente, que vocês me vejam; Eu não quero, simplesmente, que vocês ouçam falar de Mim; Eu quero que vocês saibam que vale a pena vocês entregarem a sua vida pela Minha causa. Abdiquem das suas preferências pessoais, das suas vantagens pessoais hoje, e você vai ter implicações eternas na sua vida”.

Esse era também um tempo de radicalização.

Em João 12.26, Jesus diz: “*Quem me serve precisa seguir-me; e, onde estou, o meu servo também estará. Aquele que me serve, meu Pai o honrará*”. Vocês tem que servir a Jesus.

É interessante que, o apóstolo Paulo ao decorrer sobre esta transição de uma vida de uma pessoa não cristã para uma vida cristã, ele diz assim: “*Deus nos libertou do império das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do Seu amor*”.

Nós vimos, anteriormente, que no plano de Deus nós não podemos amar a nossa vida, nossa prioridade é perder a nossa vida por amor a Cristo.

O que é esse amor a Cristo? O amor a Cristo é servir a Cristo. Somos chamados para sermos escravos de Jesus, para sermos servos de Jesus.

Em Gálatas 5.1, o apóstolo Paulo nos diz: “*Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a jugo de escravidão*”. Uma vez que fomos libertos pelo Pai, o alvo é que agora sejamos servos de Jesus e não nos sujeitemos de novo a escravidão do pecado.

A obra de Cristo requer uma postura radical.

Jesus tomou a Cruz que nos pertencia, foi para aquele madeiro e tomou sobre Si os pecados que não lhe pertenciam, Ele morreu naquela Cruz por nossa causa. O alvo é resgatar este homem para fazer uma nova nação, um novo povo, uma nova família. E Ele está nos chamando para servi-IO. “*Aquele que me serve, meu Pai o honrará*”. Em ocasião oportuna, quando você chagar diante de Deus, você vai poder ver o Pai com a Sua mão estendida dizendo: “Servo bom e fiel”. Vai poder receber as honras do próprio Deus.

Não somente isso, mas em João 12.28 nos diz: “*Pai, glorifica o teu nome!*” Então veio uma voz do céu: “*Eu já o glorifiquei...*”. Esse tempo era de glorificação do nome do Pai, era um tempo de glorificação do nome de Jesus. A oração de Jesus aqui está em pleno acordo com a oração que Ele vai fazer no Pai Nosso, a mesma oração que Ele vai fazer no cap. 17 de João, quando Ele vai falar sobre “Santificado seja o Teu nome”, quando Ele vai pedir para que o nome do Pai seja glorificado.

Como isso podia acontecer?

Jesus estava honrando e glorificando o nome do Pai através de uma obediência incondicional, através de uma dedicação do Seu ser, para ser o que Deus queria que Ele fosse, para que Ele fizesse o que Deus queria que Ele fizesse.

Meus irmãos, Jesus glorificou o Pai através de uma obediência absoluta. Ainda naquilo que Ele não gostava, ainda naquilo que Ele sofria, ainda que Ele tivesse tantos prejuízos, Jesus estava se dispondo a obedecer ao Pai.

Esse é um tempo de escolha nossa.

O que estamos fazendo com a nossa vida?

Jesus estava diante da hora da Sua morte, diante da gloriosa morte, que resgata o homem, que resgata você para ser parte do Reino de Deus.

O que você tem feito com a sua vida? O exemplo de Jesus nos convida a fazermos o mesmo, a nos oferecermos obedientemente à Ele, crendo que Ele morreu por nós e crendo que o melhor que temos para nós, na condição de Filhos de Deus, é obedecer o Pai.

Que Deus nos abençoe!